

O Inferno existe?

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência”. (Mahatma Gandhi)

Lemos o artigo que leva o título de “O Inferno Existe?”, assinado pelo Pr. João Flavio Martinez e publicado no site CACP, correspondente ao link no mesmo site (<http://www.cacp.org.br/o-inferno-existe/>). Diante de nosso direito inafiançável de resposta, analisaremos o que é exposto e daremos a nossa contra argumentação.

Após refletirmos na frase de Gandhi, percebemos que é um estado de consciência estar presos aos nossos vícios, mesmo livres, ou ainda livres de nossas imperfeições, já vencidas, mesmo que encarcerados. Não se trata de uma prisão ou a liberdade que define o nosso estado de consciência e sim o nosso estado de espírito diante da vida. Será nesta linha de argumentação que iremos esclarecer o tema que o Pr. João Flávio Martinez nos convida a pensarmos através de seu texto. Vejamos a análise:

O ESPIRITISMO AFIRMA QUE O INFERNO NÃO EXISTE

Afirma Kardec: O dogma da eternidade absoluta das penas (inferno e lago de fogo) é portanto incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira intransponível. (Céu e Inferno, Ed. Lake – 1995, pág.63). Kardec coloca a realidade do inferno e do juízo eterno como uma incompatibilidade, como uma barreira intransponível da realidade, como falta de bom senso e sendo uma doutrina contrária ao amor de Deus. Entretanto a Bíblia, que não é um livro de massagem de ego, deixa-nos claro sobre a existência do inferno – lago de fogo:

Como é de praxe em nossa contra argumentação, iremos citar na íntegra a matéria fragmentada da codificação, sempre com o fito de desmontar o castelo de cartas que são arditosamente montadas para depreciação da Doutrina Espírita, em detrimento de crenças alheias. Antes, porém, é bem tratado por Kardec que o inferno se trata de um dogma pela a incompreensão do que sejam as regiões de tormento e os estados de consciência que muitos se encontram. Vejamos, porquanto, a citação de número 21 da obra “O Céu e o Inferno”:

Impossibilidade material das penas eternas

[...]

21. - O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios destroem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o

aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma lei da Natureza, divina, imprescritível. E, pois, que esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe. Se o dogma das penas eternas existisse verdadeiramente, Santo Agostinho, S. Paulo e tantos outros jamais teriam visto o céu, caso morressem antes de realizar o progresso que lhes trouxe a conversão.

A esta última asserção respondem que a conversão dessas santas personagens não é um resultado do progresso da alma, porém, da graça que lhes foi concedida e de que foram tocadas.

Porém, isto é simples jogo de palavras. Se esses santos praticaram o mal e depois o bem, é que melhoraram; logo, progrediram. E por que lhes teria Deus concedido como especial favor à graça de se corrigirem? Sim, por que a eles e não a outros? Sempre, sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e com seu igual amor por todas as criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, de acordo mesmo com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é o filho de suas obras, durante esta vida e depois da morte, nada devendo ao favoritismo: Deus o recompensa pelos esforços e pune pela negligência, isto por tanto tempo quanto nela persistir. (KARDEC, A.; O Céu e o Inferno; Capítulo VI; Doutrina das penas eternas)

Conforme citado pelo Pr. Paulo Cristiano da Silva, a expressão por ele incluída na citação de Kardec “inferno e lago de fogo” é por conta dele esta inclusão, já que não se encontra no exame que estamos fazendo da codificação, em especial na obra “O Céu e o Inferno”, mas percebemos que ele citou apenas uma pequena frase de Kardec e após esta curta menção, o seu comentário. O que não podemos deixar de observar é de que as penas eternas estão ligadas diretamente a ideia do inferno cristão, pois uma coexiste com outra dentro deste dogma. Vemos, porquanto, conforme Kardec, que ambas se anulam, já que o Eterno, diante de sua lei de progresso, nos mostra que esta lei natural se trata diretamente da evolução de todos os seres. Mediante este fato, Kardec até exemplifica com no caso do apóstolo Paulo, que perseguia os cristãos primitivos, mas que após o evento de sua conversão em Damasco, voltou ao Evangelho e passou a pregar, tanto que recebeu o título de apóstolo dos gentios.

O estimado Pr. Paulo Cristiano da Silva, em seu artigo, tenta de forma hercúlea, desabonar a codificação de Kardec com o chavão de que é contrária ao amor de Deus em arrematar a possibilidade das penas eternas. Por uma via transversa nega a regeneração de espíritos renitentes no erro através do processo de resgate através da reencarnação, alude aos seus leitores que o Eterno vê o seu amor na perpetuidade das penas para erros completamente finitos de suas criaturas. A partir daí, ele cita quatro pontos que dão base a sua crença nos infernos e nas penas eternas como o bom senso do amor divino. Vamos a estes pontos e comentá-los um a um. Vejamos:

1) – O que diz as Escrituras sobre o Inferno:

Leia: Dt.32:22, Jó 26:6, Am.9:2, II Ped.2:4, Pv.27:20, II Tes.1:7-9, Ap.14:9-11, Mc.9:47-48, Mt.23:33, Lc.16:22-23, Mt.25:41-46. ...

É impossível duvidar do ensino das Escrituras e da seriedade com que Jesus falava acerca do inferno. O tom do ensino de Cristo indica fortemente que o

inferno é um lugar literal. Portanto, a Bíblia ensina com muita clareza essa dura realidade que se os Espíritas continuarem a omitir poderão comprovar na prática.

O mesmo pastor nos convida a pesquisa às passagens, tal como citadas, mas antes de adentrarmos nesta análise, vemos que o mesmo dá a Jesus a base de seus argumentos de que o inferno é algo literal e destinado a nós, espíritas, é que iremos experimentar tal existência. Contudo, iremos examinar as passagens por ele sugeridas e verificar o seu embasamento.

Dt 32,22 *Por que um fogo se acenderá na Minha ira, e arderá contra vós até o mais profundo abismo; e consumirá a vossa terra e o seu produto, e abrasará os fundamentos dos montes. (TANAH, p. 213)*

Jó 26,6 *Perante Ele estão abertos os sepulcros e nada encobre a destruição. (TANAH, p. 721)*

Am 9,2 *Ainda que cavem até o próprio **Sheól (morada dos mortos)**, Minha mão ali os alcançará; mesmo que escalem até o céu, dali hei de baixá-los. (TANAH, p. 583) (grifo nosso)*

Pv 27,20 *Assim como o **Sheól** e a destruição, nunca se saciam os olhos do ser humano. (TANAH, p. 700) (grifo nosso)*

Fizemos a questão de dividir em dois blocos este primeiro item, um deles voltado a Torá e ao Tanah, que são de origem judaica, perfazendo no cristianismo com o antigo testamento e após as nossas análises, iremos adentrar no quesito do novo testamento. Toda a pesquisa sugerida pelo Pr. Paulo Cristiano da Silva nos remete com a “morada dos mortos”, ou “habitação dos mortos” que não separa entre céu e inferno, antes, porém nos remete como única para todos os povos e toda a sorte. Os judeus criam que todos iam ao Sheól que era a morada de todos os mortos de sua época. A palavra inferno vem atualmente do latim *infernum* que significa “as profundezas” ou o “mundo inferior”. Diante deste entendimento, temos como a morada dos mortos como o Sheól para os hebreus, Hades, Ennom e Geena para os gregos, *infernum* para os latinos e inferno para atualmente a língua portuguesa. Somente do latim para o português que houve uma separação como um lugar de tormento, pois que para os hebreus e os gregos era única para todos os destinos daqueles que passavam pela morte. Vale ressaltar que para os judeus, o Sheól não é um lugar eterno, mas purificador e transitório, como de passagem para o paraíso, ou “Gan Eden”.

Percebemos este significado ao separarmos os conceitos judaicos dos conceitos cristãos exarados no novo testamento, tal como em Dt 32,22 que restringe a “ira do Eterno” àqueles que prestavam cultos a novos deuses (veros 16 e 17) asseverando, num versículo poético tal como ascendeu o fogo da ira do Eterno, igualmente como ao profundo abismo.

Em Jó 26,6 há a alusão das obras do Eterno, tal como sem véu, tudo está às claras, para que todos contemplem o “contorno de suas obras” e apenas se percebe o

seu “eco”, mas quem poderá compreender o “trovão” das obras do Eterno? (verso 14). Podemos perceber que o Sheól em Jó é a morada de todos os mortos.

Já em Am 9,2 existe uma alusão de que Amós anunciaria que o Eterno alcançaria a tudo e a todos, citando, de uma forma poética (verso 1), novamente a morada dos mortos, ou o Sheól um lugar também que não se esconderiam.

Para finalizarmos esta primeira parte, vamos ao livro da sabedoria em Pr 27,20 que alude, também de uma forma simbólica dos provérbios de Salomão que viveu na época de Ezequias, dando aos olhos dos homens como insaciáveis, tal como a morada dos mortos e o abismo que nunca se enchem, assim como os olhos dos homens que nunca se saciam.

Como percebemos nas ilustrações de nossas análises da argumentação do Pr. Paulo Cristiano da Silva, entendemos que não soube separar os conceitos descritos na Torá e no Tanah, não transmitindo realmente o sentido de que o Sheól é o mesmo que a morada dos mortos e é única, mas não uma condição eterna. Passemos, porquanto a análise das passagens sugeridas pelo pastor no novo testamento.

Mc 9,47-48 *Se o teu olho for para ti ocasião de queda, arranca-o; melhor te é entrares com um olho de menos no Reino de Deus do que, tendo dois olhos, seres **lançado à geena do fogo**, onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga.*

2 Pe 2,4 *Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipitou nos abismos tenebrosos **do inferno** onde os reserva para o julgamento;*

2 Tss 1,7-9 *e a vós, que sois afligidos, o alívio, juntamente conosco, no dia da manifestação do Senhor Jesus. Ele descerá do céu com os mensageiros do seu poder, por entre chamas de fogo, para fazer justiça àqueles que não reconhecem a Deus e aos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus. **Eles sofrerão como castigo a perdição eterna**, longe da face do Senhor, e da sua suprema glória.*

Ap 14,9-11 *Um terceiro anjo seguiu-os, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a Fera e a sua imagem, e aceitar o seu sinal na fronte ou na mão, há de beber também o vinho da cólera divina, o vinho puro deitado no cálice da sua ira. Será **atormentado pelo fogo e pelo enxofre** diante dos seus santos anjos e do Cordeiro. A fumaça do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos. Não terão descanso algum, dia e noite, esses que adoram a Fera e a sua imagem, e todo aquele que acaso tenha recebido o sinal do seu nome.*

Mt 23,33 *Serpentes! Raça de víboras! Como escapareis ao castigo do **inferno**?*

Lc 16,22-23 *Ora, aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. E estando ele nos tormentos do **inferno**, levantou os olhos e viu, ao longe, Abraão e Lázaro no seu seio.*

Vamos agora adentrar na análise das passagens sugeridas pelo pastor, no que tange às passagens descritas no novo testamento. Recomendamos o nosso texto

“[Reencarnação ou Penas Eternas?](#)”, mais especificamente ao item dois do capítulo 4, Vejamos já sobre a passagem de Mc 9,47-48. Vamos à passagem em análise:

Mc 9,38-50: Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios, e nós lho proibimos, porque não nos seguia. Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo depois falar mal de mim; pois quem não é contra nós, é por nós. Porquanto qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa. Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que fosse lançado no mar. E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, **ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga.** [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; melhor é entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno. [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno. onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. **Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros.**

Vamos aos fatos segundo o contexto: Primeiramente vemos que os Apóstolos proibiram alguns que não estavam com eles a expulsarem “demônios”, com isso o Mestre os advertiu de que não haveria de proibi-los, pois voltamos ao mesmo fato de que um reino dividido entre si não sobre existirá.

Outro fato é os Homens que vivem em atitudes que não conseguem se libertar do desejo da mulher de teu próximo e da cobiça, do assassinio, alcoolismo, prostituição, etc, estes deveriam arrancar os seus próprios olhos, as mãos, os órgãos genitais, etc e tudo praticado em vida, conforme a parábola abaixo?

Mc 9,47: Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno.

Vemos que Jesus enfatiza: **[onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.]**, colocando assim a preexistência da alma e as penas morais que muitos de nós enfrentamos entre nossas idas e vindas mediante as nossas faltas, para nos elucidar de que os órgãos físicos, que, porventura nos for motivo de queda serão retirados em nossa nova encarnação para o nosso aperfeiçoamento, fato este que comprova milhares de deficientes no mundo inteiro que por misericórdia superam as suas más inclinações mediante a prova e até mesmo na expiação para que assim manifeste a Vontade do Pai de que sejamos um só rebanho em um só Pastor. Logo à frente o Mestre nos elucidar o porquê cada um será salgado com fogo. **Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros**, fazendo assim a alusão de que estamos num planeta de provas e expiações e sujeitos às tais, com isso Ele desfecha a passagem de que o “sal” é bom e todos nós o temos o tempero de nossas virtudes e

más inclinações e seremos moldados e lapidados pelas prova que o Pai nos concede para a nossa superação e evolução espiritual e mesmo assim buscarmos a felicidade incansavelmente, que, porventura também progride o nosso estado de emancipação da alma através da luta interior que por deveras temos que travar em dominar o nosso ego e sobrepormos a vontade do Espírito pelo desejo e fraqueza da carne.

O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor, mas no que se refere ao texto em análise, **este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49**. O entendimento exegético de tal passagem continua sendo o mesmo sobre a passagem do sal da Terra (**Mt 5:13**) que segundo a nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, em que estamos utilizando também. Porém, cabe-nos umas ressalvas nas passagens de **Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2**.

*Disse Jesus a seus discípulos: **É impossível que não venham os escândalos; mas ai daqueles por que vêm os escândalos**. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar do que escandalizar a um destes pequeninos. (**Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2**)*

Necessário é, pois, que haja escândalo no mundo, visto que só mediante eles muitas consciências despertam para o reconhecimento dos erros praticados e para o arrependimento, e, que, pelo contato com os vícios, é que às virtudes se fortalecem e deles triunfam. Ai, porém, dos que ocasionem o escândalo, e ai também, ainda que menor lhes seja a culpa, dos que se deixem levar até o escândalo. Mais valerá estarem bastante amadurecidos para uma vida melhor.

Qualquer que seja o sacrifício que nos custe à destruição, em nossas almas, de todas as causas do mal, preferível é que o façamos a que nos tornemos causa de escândalo, com o que nos condenaremos a sofrer pelos nossos próprios frutos durante séculos talvez, mas nunca eternamente. O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor. Outrossim, Jesus recorrendo sempre aos costumes, preceitos e tradições Hebraicas, para compor a linguagem figurada de que necessitava usar, Ele ainda aqui apresentou a infância como emblema da pureza e da virtude; **Este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49**.

Com esta explanação, iremos agora adentrar na análise de 2 Pe 2,4 que alude uma advertência aos falsos profetas, que não haverá um abrandamento das punições que estes sofrerão pelos seus atos (verso 1), tal como não houve, na concepção de Pedro, menos rigor com os anjos que pecaram e foram precipitados na Genna. Sabemos que esta teoria da queda dos anjos se encontra na obra do livro apócrifo de Enoque que nós deixamos aos leitores o texto "[Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?](#)" que detalhamos mais ainda este tema, se desviar o assunto para o que estamos desenvolvendo.

Acerca da passagem de 2 Ts 1,7-9 Paulo em companhia de Silvano e Tímóteo, a escreverem a segunda epístola à igreja dos Tessalonicenses, assevera, dando graças àqueles que permanecem na caridade uns para com os outros (verso 3) e que permaneçam na fé com o objetivo de que quando vier o retorno de Jesus que acreditava-se que viria naquela era, haveria a separação daqueles que permaneceram

na fé e foram perseguidos, dos que perseguiram os primeiros cristãos (verso 6). A perdição àqueles que perseguiram os primeiros cristãos seria a ruína deles mesmos, sendo que a palavra grega *αιωνιον* demonstra a eternidade como tempo indeterminado, até o momento de arrependimento, consciência de seus próprios erros e resgate de suas faltas pelo processo reencarnatório até pagamento do último ceutil (Mt 5,26). Sabemos que no judaísmo somente o Eterno é que não há começo e nem fim, demonstrando que a eternidade somente a divindade e suas potencialidades de suas leis e virtudes que possuem tal assertiva.

Sobre Ap 14,9-11 diz justamente àqueles que adorarem a fera, tal como uma figura de linguagem de um livro simbólico que perfaz um tormento de consciência por tornarem sua atitudes completamente opostas ao que Jesus veio trazer acerca da adoração somente ao Eterno, vindo, porquanto a idolatria. Novamente salientamos que o tormento se dá até o momento de arrependimento, consciência de seus próprios erros e resgate de suas faltas pelo processo reencarnatório até pagamento do último ceutil (Mt 5,26).

Já em Mt 23,33 se dá num fato que Jesus repreende o farisaísmo que dá mais importância a forma do que o real sentido dos ensinamentos trazidos pelo Mestre. Novamente incorremos numa falta que durará até o momento de arrependimento, consciência de seus próprios erros e resgate de suas faltas pelo processo reencarnatório até pagamento do último ceutil (Mt 5,26).

O mesmo se aplica a parábola do rico e Lázaro, ao ser citado Lc 16,22-23, onde sabemos que as angústias e remorso será até o momento de arrependimento, consciência de seus próprios erros e resgate de suas faltas pelo processo reencarnatório até pagamento do último ceutil (Mt 5,26). Indicaremos, porém, o texto "[A parábola do rico e Lázaro na visão espírita](#)". Passemos, porquanto, ao segundo item.

2) – Os Espíritas dizem que o ensino sobre o inferno é irracional e falta de bom senso, mas a Bíblia mostra ser o contrário:

A Bíblia diz: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucuras; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Cor.2:14). A doutrina do inferno só é irracional para o homem natural, não convertido. Daí ser fácil concluir porque os Espíritas acham o ensino sobre o inferno irracional, eles nunca nasceram de novo (Jo.3, Rm.6:4). Somente os nascidos de novo entendem a Palavra de Deus e não recusa nenhuma verdade por mais dura que seja. Com tantos textos existentes na Bíblia a respeito de tal lugar é diabólico fugir dessa realidade por mais dura que seja. É lógico que o diabo gostaria que ninguém soubesse que tal lugar existe, assim seria mais fácil destruir os homens usando a própria justiça de Deus.

Neste segundo tópico, o Pr. João Flavio Martinez comprara nós espíritas ao homem natural, segundo a passagem (1 Cor 2,14), onde se julga que ele e afins são os que discernem espiritualmente sobre o inferno, apegando-se às figuras de linguagem e tomando-as como verdades inquestionáveis. O mais curioso é que nós que propusemos a retirada do véu das diversas passagens que até aqui pudemos

esclarecer, fomos comparados aos homens naturais que não tem o entendimento espiritual.

O que mais impressiona, é o fato de arrematarem que não nascemos de novo, segundo sua citação em Jo 3,1-16, mas todos nascemos de novo e ainda nasceremos até chegarmos a plenitude de nossas virtudes e capacidade intelectual. Haja vista o que desenvolvemos no artigo "[O diálogo entre Jesus e Nicodemos](#)" que destrinchamos o tema em suas minúcias. Outra comparação à defesa na literalidade do inferno, o estimado pastor alude ainda que a ideia de não crer num lugar de penas eternas e sofrimentos sem fim, destinado ao diabo que tende a nos enganar por não acreditarmos na existência de um lugar de tormentos eternos, o que já percebemos, ao longo de nossa exposição, é justamente que cada um é responsável pela consequência de seus atos, não cabendo a uma figura de linguagem a responsabilidade individual de desacertos. Também desenvolvemos no nosso artigo "[Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?](#)", onde tratamos com mais detalhes o que defendemos. Outrossim, vamos deixar novamente Kardec, na obra "O Céu e o Inferno" nos esclarecer, mesmo citado pelo pastor, não estudou o suficiente.

Esboço do inferno cristão

11. - A opinião dos teólogos sobre o inferno resume-se nas seguintes citações (1). Esta descrição, sendo tomada dos autores sagrados e da vida dos santos, pode tanto melhor ser considerada como expressão da fé ortodoxa na matéria, quanto é ela reproduzida a cada instante, com pequenas variantes, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.

(1) Estas citações são tiradas da obra intitulada O Inferno, de Augusto Callet.

12. "Os demônios são puros Espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, podem ser considerados puros Espíritos, uma vez que só a alma aí desce, e os restos entregues à terra se transformam em ervas, em plantas, em minerais e líquidos, sofrendo inconscientemente as metamorfoses constantes da matéria. Os condenados, porém, como os santos, devem ressuscitar no dia do juízo final, retomando, para não mais deixá-los, os mesmos corpos carnis que os revestiam na vida. Os eleitos ressuscitarão, contudo, em corpos purificados e resplendentes, e os condenados em corpos maculados e desfigurados pelo pecado. Isso os distinguirá, não havendo mais no inferno puros Espíritos, porém homens como nós. Conseqüentemente, o inferno é um lugar físico, geográfico, material, uma vez que tem de ser povoado por criaturas terrestres, dotadas de pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis.

Onde estará esse inferno? Alguns doutores o têm colocado nas entranhas mesmas do nosso globo; outros não sabemos em que planeta, sem que o problema se haja resolvido por qualquer concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos a conjeturas; a única coisa afirmada é que esse inferno, onde quer que exista, é um mundo composto de elementos materiais, conquanto sem Sol, sem estrelas, sem Lua, mais triste e inóspito, desprovido de todo gérmen e das aparências benéficas que porventura se encontram ainda nas regiões mais áridas deste mundo em que pecamos.

Os teólogos mais circunspectos não se atrevem, à semelhança dos egípcios, dos hindus e dos gregos, a descrever os horrores dessa morada, limitando-se a no-la mostrar como premissas no pouco que dela fala a Escritura, o lago de

fogo e enxofre do Apocalipse e os vermes de Isaías, esses vermes que formigam eternamente sobre os cadáveres do Tofel, e os demônios atormentando os homens aos quais eles perderam, e os homens a chorarem, rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

"Santo Agostinho não concorda que esses sofrimentos físicos sejam apenas reflexos de sofrimentos morais e vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e verdadeiras serpentes saciando-se nos corpos, casando suas picadas às do fogo. Ele pretende mais, segundo um versículo de S. Marcos, que esse fogo estranho, posto que material como o nosso e atuando sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva o corpo das vítimas. Os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a tortura desse fogo que queima sem destruir, penetrando-lhes a pele; serão dele embebidos e saturados em todos os seus membros, na medula dos ossos, na pupila dos olhos, nas mais recônditas e sensíveis fibras do seu ser. A cratera de um vulcão, se aí pudessem submergir, ser-lhes-ia lugar de refrigério e repouso.

Assim falam com toda a segurança os teólogos mais tímidos, discretos e comedidos; não negam que haja no inferno outros suplícios corporais, mas dizem que para afirmá-lo lhes falta suficiente conhecimento, pelo menos tão positivo como o que lhes foi dado sobre o suplício horrível do fogo e dos vermes. Há, contudo, teólogos mais ousados ou mais esclarecidos que dão do inferno descrições mais minuciosas, variadas e completas. E conquanto se não saiba em que lugar do Espaço está situado esse inferno, há santos que o viram. Eles não foram lá ter com a lira na mão, como Orfeu; de espada em punho, como Ulisses, mas transportados em espírito.

"Desse número é Santa Teresa. Dir-se-ia, pela narrativa da santa, que há uma cidade no inferno: - ela aí viu, pelo menos, uma espécie de viela comprida e estreita como essas que abundam em velhas cidades, e percorreu-a horrorizada, caminhando sobre lodoso e fétido terreno, no qual pululavam monstruosos repteis. Foi, porém, detida em sua marcha por uma muralha que interceptava a viela, em cuja muralha havia um nicho onde se abrigou, aliás sem poder explicar a ocorrência. Era, diz ela, o lugar que lhe destinavam se abusasse, em vida, das graças concedidas por Deus em sua cela de Ávila.

"Apesar da facilidade maravilhosa que tivera em penetrar esse nicho, não podia sentar-se, ou deitar-se, nem manter-se de pé. Tampouco podia sair. Essas paredes horríveis, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na como se fossem animadas de movimento próprio. Parecia-lhe que a afogavam, estrangulando-a, ao mesmo tempo em que a esfolavam e retalhavam em pedaços. Ao sentir queimar-se, experimentou, igualmente, toda a sorte de angústias".

"Sem esperança de socorro, tudo era trevas em torno de si, posto que através dessas trevas percebesse, não sem pavor, a hedionda viela em que se achava, com a sua imunda vizinhança. Este espetáculo era-lhe tão intolerável quanto os apertos mesmos da prisão". (1)

(1) Nesta visão se reconhecem todos os caracteres dos pesadelos, sendo provável que fosse deste gênero de fenômenos o acontecido a Santa Teresa.

"Esse não era, sem dúvida, mais que um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos, pois viram grandes cidades no inferno, quais enormes braseiros: Babilônia e Nínive, a própria Roma, com seus palácios e templos abrasados, acorrentados todos os habitantes".

"Traficantes em seus balcões, sacerdotes reunidos a cortesãos em salas de festim, chumbados às cadeiras ululantes, levando aos lábios rubras taças chamejantes. Criados genuflexos em ferventes cloacas, braços distendidos, e príncipes de cujas mãos escorriam em lava devoradora o ouro derretido. Outros viram no inferno planícies sem-fim, cultivadas por camponeses famintos, que, nada colhendo desses campos fumegantes, dessas sementes estéreis, se entredevoravam, dispersando-se em seguida, tão numerosos como dantes, magros, vorazes e em bando, indo procurar ao longe, em vão, terras mais felizes. Outras colônias errantes de condenados os substituíam imediatamente. Ainda outros relatam que viram no inferno montanhas inçadas de precipícios, florestas gemebundas, poços secos, fontes alimentadas de lágrimas, ribeiros de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas tripuladas por desesperados, singrando mares sem praia. Viram, em uma palavra, tudo o que viam os pagãos: um lúgubre revêrber da Terra com os respectivos sofrimentos naturais eternizados, e até calabouços, patíbulos e instrumentos de tortura forjados por nossas próprias mãos.

Há, com efeito, demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, tomam corpos. Uns têm asas de morcegos, cornos, couraças de escama, patas armadas de garras, dentes agudos, apresentando-se-nos armados de espadas, tenazes, pinças, serras, grelhas, foles, tudo ardente, não exercendo outro ofício por toda a eternidade, em relação à carne humana, que não o de carneiros e cozinheiros; outros, transformados em leões ou víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas solitárias; estes se transformam em corvos para arrancar os olhos a certos culpados, e aqueles em dragões volantes, prontos a se lançarem sobre o dorso das vítimas, arrebatando-as assustadiças, ensanguentadas, aos gritos, através de espaços tenebrosos, para arremessá-las ao fim em tanques de enxofre. Aqui, nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos, cuja vista produz náuseas e calafrios, e o contato, convulsões; além, monstros policéfalos, escancarando goelas vorazes, a sacudirem sobre as disformes cabeças as suas crinas de áspides, a triturarem condenados com sangrentas mandíbulas para vomitá-los mastigados, porém vivos, porque são imortais.

"Estes demônios de formas sensíveis, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti e do Tártaro, bem como os ídolos adorados pelos fenícios, moabitas e outros gentios vizinhos da Judéia, esses demônios não obram ao acaso, tendo cada um a sua função. O mal que praticam no inferno está em relação ao mal que inspiraram e fizeram cometer na Terra (1). Os condenados são punidos em todos os seus órgãos e sentidos, porque também a Deus ofenderam por todos os órgãos e sentidos. Os delinquentes de gula são castigados pelos demônios da glotonaria, os preguiçosos pelos da preguiça, os luxuriosos pelos da devassidão, e assim por diante, numa variedade tão grande como a dos pecados. Terão frio, queimando-se, e calor, enregelados, ávidos igualmente de movimento e de repouso; sedentos e famintos; mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados e chaguentos que os mártires, e isso para sempre".

1) Singular punição, na verdade, esta de poder continuar em maior escala a prática de mal menor feito na Terra. Mais racional seria o sofrerem os próprios malfeitores as consequências desse mal, em lugar de se darem ao prazer de proporcioná-lo a outrem. .

"Demônio algum se furta, nem se furtará jamais ao desempenho sinistro da sua tarefa, perfeitamente disciplinados e fiéis, quanto à execução das vingativas ordens que receberam. Aliás, sem isso que seria o inferno? Repousariam os pacientes se os algozes altercassem ou se enfadassem. Mas, nada de repouso nem disputas para quaisquer deles, pois apesar de maus e inumeráveis que são, estendendo-se de um a outro extremo do abismo, nunca se viu sobre a Terra súditos mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes aos

chefes ou comunidades monásticas mais humildes e submissas aos seus superiores. (1)

(1) Esses mesmos demônios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar quanto à prática do mal. Nenhum se esquiva ou afrouxa durante a eternidade. Que singular metamorfose em quem fora criado puro e perfeito como os anjos! Não é de pasmar vê-los dar exemplos de harmonia, de concórdia inalterável quando os homens sequer não sabem viver em paz na Terra, antes se laceram mutuamente? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos condenados e comparando sua situação à dos demônios, é caso de perguntar quais os mais dignos de lástima - se as vítimas ou os algozes.

"Quase nada se conhece da rale demoníaca, desses vis Espíritos que compõem as legiões de vampiros, sapos, escorpiões, corvos, hidras, salamandras e outros animais sem-nome; conhecem-se, porém, os nomes de muitos dos príncipes que comandam tais legiões, entre os quais Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, dos desejos impuros, ou senhor das moscas que engendram a corrupção; Mammon, da avareza; Moloch, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, sem falar do seu chefe supremo, o sombrio arcanjo que no céu se chamava Lúcifer e no inferno se chama Satanás.

"Eis aí resumida a ideia que nos dão do inferno, sob o ponto de vista da sua natureza física e também das penas físicas que aí sofrem. Compulsai os escritos dos padres e dos antigos doutores; interrogai as pias legendas; observai as esculturas e painéis das nossas igrejas; atentai no que dizem dos púlpitos e sabereis ainda mais."

[...] (KARDEC, A.; O Céu e o Inferno; Capítulo IV; O Inferno)

Após a elucidação da codificação, passemos porquanto ao próximo item desenvolvido pelo pastor.

3) – A doutrina do inferno não é contrária ao amor e a misericórdia de Deus:

Todos os que falam assim deixam de reconhecer a santidade de Deus e a necessidade do pecado ser punido por causa dessa santidade. Lembremos que Deus é amor e o amor é Deus. Deus amou o mundo inteiro e quer que todos se salvem (I Tm.2:4). Apesar de Deus querer salvar todos os homens, Ele não age contra a vontade humana – o homem é, por vontade e determinação de Deus, um ser livre para escolher, só depende dele. O inferno nem tinha sido projetado para o homem, sim para o Diabo e seus anjos (Mt.25:41), mas com a desobediência o homem acabou recebendo o mesmo destino (Mt.25:46). O INFERNO É A CONFIRMAÇÃO DO AMOR DE DEUS CONTRA O PECADO E IMPIEDADE. DEUS É AMOR, MAS NUNCA DEIXARÁ DE SER JUSTIÇA.

O primeiro ponto defendido pelo pastor é de que o inferno não é contrário ao amor e misericórdia de Deus que na eternidade das penas manifesta. O que entendemos é que as penas eternas são sim, contrárias à lei do progresso e contrárias ao amor do Eterno que somente a felicidade e a Ele é que são conferidos a eternidade. Outro ponto defendido pelo pastor é o do livre arbítrio que em parte é verdade e somente ao homem caberá escolher o caminho a conduzir a sua vida, bem

como também colher os frutos daquilo que plantou, disso não há divergência. A questão é a análise prematura de fora do contexto da parábola dos bodes e das ovelhas (Mt 25,31-46) dadas como criação de um lugar de tormento eterno e que vamos analisar.

Mt 25,31-46: "Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.** Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos; **porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era forasteiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; enfermo, e na prisão, e não me visitastes.** E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: **Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.** E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna".

Após esta passagem em que Jesus nos esclarece, os que aceitam a graça pela fé apenas comentam que "quem não cumprir, diferentemente do que prega o espiritismo, não terão 'outras encarnações', antes, porém, será dito a estes: Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, **para o fogo eterno**, preparado para o Diabo e seus anjos". Tratamos com mais detalhes em nosso texto "[A fé sem obras está morta](#)" este tema sobre a fé e obras, tal como num axioma de que não há efeito sem causa. Lembramos que a eternidade de uma pena na época de Jesus tem o sentido do tempo indeterminado, e não eterno, pois eterno somente Deus o é.

Já em letras garrafais, tendo que gritar aos nossos ouvidos, o pastor diz que o inferno é manifestação do amor de Deus contra o pecado e a impiedade, não deixando de ser justiça e justiça seja feita, *O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10).* Partiremos, porquanto ao último item em análise.

4) – A doutrina do inferno e do lago de fogo não é repugnante à justiça:

Se a justiça nos fosse feita, cada um de nós receberia a condenação que merece (Jo.3:18). Merecemos a justiça, mas Deus nos concede a misericórdia pela sua graça, por causa do seu Filho Jesus (Rm.3:26). Todos devem ser salvos da mesma maneira, através dos méritos de Cristo e não de

obras(Ef.2:8-9). Deus é justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. O Inferno é, segundo os ensinamentos cristalinos da Palavra de Deus, uma dura realidade que até gostaríamos de não aceitá-la, mas como não somos como os Espíritas que torcem a verdade por achá-la dura demais, nós nos curvamos diante da soberania de Deus. E pior é que, o inferno não só é uma realidade, mas um lugar de sofrimento (Judas 7), lugar de dor (Sl.116:3), lugar de tormentos (Lc.16:24,25,28), lugar de ira (Ef.2:3, Cl.3:6), lugar de condenação eterna (Mc.3:29), lugar de tormento eterno (Mt.25:41,46; Mc.9:44-46).

A condenação se dá pelas nossas próprias atitudes e não pela imputação de uma justiça às cegas, tendo distribuído aleatoriamente penas sem culpados. Outrossim, “*Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado; por que não crê no nome do Filho único de Deus*”. (Jo 3,18), não nos furtando de saber que, como Jesus mesmo disse, “a cada um segundo as suas obras” (Mt 16,27), já que a fé sem obras é morta (Tg 2,26). O inferno é um estado de consciência que nos arrastam às regiões umbralinas devido o resultado de nossas ações em vida. As escrituras, pegadas em partes isoladas, comprovam-se quaisquer teorias e não somos nós, espíritas, que as usamos distorcendo seus ensinamentos, antes, porém, damos a ela as devidas interpretações acima de sua forma literária e emblemática descrita em diversas passagens. Percebemos em nosso texto “[Reencarnação ou Penas Eternas?](#)” que as penas não são eternas, pois tratam-se de erros finitos, com uma mesma pena correspondente a falta cometida, onde, novamente incorremos numa falta que durará até o momento de arrependimento, consciência de seus próprios erros e resgate de suas faltas pelo processo reencarnatório até pagamento do último ceitil (Mt 5,26).

Pobres Espíritas, estão indo para o inferno e ensinando que o inferno não existe, porém quando lá chegarem vão se deparar com a calamitosa realidade – a perdição eterna.

Após analisarmos detidamente toda a argumentação do Pr. Paulo Cristiano da Silva, percebemos que ele, como autoridade, julga que os espíritas, em sua conclusão, irão para o inferno, dando-nos a perdição eterna por justamente esclarecermos a impossibilidade da existência das penas eternas, irrevogavelmente ligadas a uma região de tormentos eternos. Mediante esta inflexível posição, o Pr. Paulo Cristiano da Silva toma o lugar do Eterno e nos julga como destinados ao inferno, mas deixamos a mensagem de que este destino somente as nossas ações poderão nos encaminhar a um lugar feliz, ou ainda a um lugar de tormento que vem a passar com o nosso arrependimento, e, por conseguinte resgate de nossas faltas através do processo reencarnatório. Basta pesquisarmos a Torá, conforme abaixo:

Ex 20,5-6: “*Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e **sobre** quartas gerações, aos que me aborrecem; e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos*”. (TORÁ p. 214-215, grifo nosso).

[...] Comentários de rodapé.

5 dos pais nos filhos – Quando os filhos continuam praticando a iniquidade de seus pais, pois filhos não devem seguir os maus exemplos dos pais, depois de conhecer as consequências. **6. Até duas mil gerações.** A misericórdia de Deus estende-se pelo menos até duas mil gerações, enquanto o seu castigo é

muito menor para os que o aborrecem. [...] (TORÁ, p. 215).

Ex 34,6-7: *E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, sobre terceiras e quartas gerações.” (TORÁ, p. 266, grifo nosso).*

[...] Comentários de rodapé.

6. Eterno, Eterno, Deus piedoso – Os versículos seis e sete contêm os 13 atributos (*Shelosh Eshrê Midot*) de Deus, os quais se tornaram uma das principais orações do judaísmo. O Talmud escreve que Deus disse a Moisés: “Sempre que Israel pedir o meu perdão, que mencione estas minhas qualidades”. O Rabi lehudá acrescenta: Deus tem feito uma aliança para não deixar em vão esta prece (somente quando Israel a reza em jejum – Rashi) (*Rosh Hashaná 17b*). Essa prece pode ser rezada somente quando houver pelo menos um Minian (quórum de 10 homens). Os 13 atributos constituem a base da concepção judaica sobre a divindade.

(Eis aqui uma breve explicação deles: 1-2) **Ado-nai Ado-nai**: A repetição do nome do Eterno aqui significa que Ele é misericordioso com qualquer pessoa, no que diz respeito aos seus pecados e como pecador arrependido. 3) **Ei**: Deus poderoso que age de acordo com os Seus sábios ditados. 4) **Rachum**: Misericordioso como um pai para com seus filhos, prevenindo-os para não cair. 5) **Chanún**: Benevolente e que ajuda os caídos que não podem regenerar-se por si mesmos. 6) **Érech-apáym**: Paciente, espera que o pecador se arrependa. 7) **Verav-chessed**: Cheio de misericórdias com a pessoa correta e também com a incorreta. 8) **Emet**: Verdadeiro e direto em suas promessas. 9) **Notser-chésed lalafim**: Bondoso e misericordioso: considera os méritos dos pais nos filhos, ao menos por duas mil gerações. 10) **Nossé Avon**: Perdoa os pecados cometidos premeditadamente. 11) **Vafesha**: Perdoa as ofensas e pecados cometidos com espírito de rebeldia. 12) **Vechataá**: Esquece os pecados cometidos involuntariamente. 13) **Venakê**: Absolve o penitente.

7. visita a iniquidade dos pais nos filhos – Quando os filhos seguem o mau caminho dos pais, o Eterno os castiga também pelos pecados dos pais. (TORÁ, p. 266-267).

Segundo o que consta na Torá a partícula ‘até’ mal traduzida nas versões atuais não dá se combater a reencarnação. O que foi demonstrado é que a preposição ‘sobre’ é a correta que se deve aplicar ao texto, e, com isso, indubitavelmente, levamos a crer que o texto, com efeito, nos remete a ideia da reencarnação. Porém, como já vimos acima, e pelo entendimento dos Judeus ortodoxos sobre a reencarnação é que, a bem da verdade, o Espiritismo “não retém porque convém”, já que o texto é harmônico com a reencarnação na visão judaica ortodoxa e na espírita.

Desse modo, após o esclarecimento da Torá, o que temos de cristalino e que não vemos nas traduções latinas a correta preposição que salta aos nossos olhos, trazendo a lei natural (Jo 3,12) da reencarnação contida logo após a promulgação dos dez mandamentos, asseverando que a ideia das penas eternas se opõe justamente dos ensinamentos espíritas, codificados por Kardec, mas também pelo judaísmo que combate as penas eternas, por trazer-nos a certeza de que somente através da reencarnação é que poderemos resgatar nossas faltas e voltar nossos caminhos ao Eterno.

O inferno, não passa de um lugar de consciência, trazendo mais como a mesma ignorada codificação e como sempre, mutilada em citações do CACP, nos esclarece que é um lugar que abriga seres que colhem o fruto de suas ações, mas que ao alvorecer de seu arrependimento, tem a chance do resgate de suas faltas através da reencarnação, vindo, Jesus, a pregar aos espíritos em prisão (I Pe 3,18-20), descendo às regiões inferiores (Ef 4,9-10), pregando mesmo a rebeldes (Sl 68,18), onde venakê, absolve o penitente ante o pagamento do último ceitel (Mt 5,26).

Thiago Toscano Ferrari
Setembro / 2013

Referências bibliográficas:

Bíblia Católica, versão digital (<http://www.biblionline.com.br/>)
KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
TORÁ, *A Lei de Moisés*, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
TANAH, *Bíblia Hebraica*, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.
GINGRICH F. Wilbur, *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1993.

Textos sugeridos:

[“A fé sem obras está morta”](#), [“Reencarnação ou Penas Eternas?”](#), [“Seremos salvos ou teremos que nos salvar?”](#), [“O diálogo entre Jesus e Nicodemos”](#), [“A Comunicação com os mortos na Bíblia”](#), [“Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?”](#) e [“A parábola do rico e Lázaro na visão espírita”](#).